

RESENHA

MORAES, Enny Vieira. **FAZENDO GÊNERO E JOGANDO BOLA: futebol feminino na Bahia anos 80-90**. Salvador: EDUFBA, 2014. 170 p.

Miguel Archanjo de Freitas Jr. (*)

Bruno José Gabriel (**)

Marcela Caroline Pereira (***)

O livro *Fazendo gênero e jogando bola: futebol feminino na Bahia anos 80-90* é resultado de uma nova apropriação da tese de Enny Vieira Moraes, desenvolvida no programa de doutorado em História Social, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP). O objetivo desse livro foi apresentar as trajetórias futebolísticas de três ex-atletas baianas, Neumanci Ferreira Gonçalves (Neuma), Ivonete Ferreira Oliveira (Birrita) e Solange Santos Bastos (Soró), as quais entre os anos de 1980 e 1990 - momento em que as mulheres brasileiras começavam a conquistar espaço na sociedade, tornaram-se referência no futebol regional e nacional. Nesse sentido, analisar a história de vida destas atletas permite desvendar os valores da conquista das mulheres na sociedade brasileira e, ao mesmo tempo, compreender algumas das tensões vivenciadas no futebol feminino desse período. Para alcançar esse objetivo, a autora realizou entrevistas com essas mulheres, subsidiando-se na História Oral, utilizando como fontes complementares documentos presentes no acervo pessoal das atletas, tais como recortes de jornais, fotografias, medalhas, passagens e troféus.

Com base nas informações obtidas, a obra foi subdividida em três capítulos interdependentes. No primeiro capítulo, intitulado "História de mulheres: o futebol feminino em Feira de Santana", foi apresentada a trajetória das três ex-futebolistas mencionadas, que tiveram os primeiros contatos com o futebol nessa cidade interiorana. A primeira foi a de Neuma, que iniciou a prática do futebol na infância, jogando entre os meninos na rua de terra onde estava localizada a residência da família, contrariando os seus pais, adeptos da ideologia

(*) Pró-reitor de graduação da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Doutor em História pela Universidade Federal do Paraná – UFPR. E-mail: mfreitasjr@ulpg.br.

(**) Mestre em Ciências Sociais Aplicadas pela Universidade Estadual de Ponta Grossa_UEPG. E-mail: brunogabriel_uepg@hotmail.com.

(***) Graduanda em licenciatura em Educação Física pela Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG. E-mail: marcela91.pereira@gmail.com.

machista daquela sociedade, para qual este esporte era considerado uma atividade eminentemente masculina. A autora destaca que ao longo dos anos, devido o interesse das meninas, foram constituídas equipes exclusivamente femininas no bairro em que Neuma residia, proporcionando a realização de amistosos femininos. Contudo, cabe destacar que isto ocorreu no momento em que a legislação que proibia a prática do futebol feminino fora revogada, fato considerado fundamental para o desenvolvimento efusivo da modalidade. Em um desses jogos femininos, Neuma foi descoberta pelo senhor Edmilson Amorim, conhecido como Michelinho, grande incentivador do futebol feminino baiano, fundador e dono do Flamengo de Feira.

Para participar dos emergentes campeonatos estaduais e nacionais, Michelinho contratou jogadoras advindas de diversas localidades da Bahia, oferecendo uma estrutura rudimentar, composta por casa mobilhada, alimentação, passagens, treinamentos e materiais esportivos. Ou seja, estas futebolistas não recebiam salários nem dispunham de um corpo de especialistas para administrar o cotidiano dos treinos. Mesmo assim, o Flamengo de Feira conseguiu adquirir o *status* de uma das principais equipes do estado da Bahia, graças às conquistas de vários títulos regionais e de colocações significativas nos campeonatos nacionais.

Neuma, um dos destaques do Flamengo, transferiu-se para o Bahia, onde contou com o auxílio financeiro de uma amiga, pois os donos das equipes baianas não pagavam salários às suas jogadoras. Devido às destacadas atuações ela foi contratada pelo Bordon, equipe colecionadora de títulos no futsal nacional. Contudo, nesta equipe o desempenho de Neuma foi ofuscado por companheiras, como Sissi e Roseli, que posteriormente se consagraram com a seleção brasileira de futebol. Por conseguinte, após atuar três temporadas no futsal paulista, ela retornou para o Flamengo, encerrando a sua carreira discretamente.

Em seguida a autora apresentou a trajetória de Birrita, que não teve a discordância dos pais, mas também iniciou a prática do futebol na infância entre os meninos na rua. Depois de observar suas atuações, um funcionário do “Correio” a indicou para o Michelinho, que efetivou a sua contratação após a realização de uma avaliação bem sucedida. Birrita participou junto com Neuma das relevantes campanhas do Flamengo. Entretanto, diferente de sua colega, recusou as propostas para atuar em outras equipes devido o profundo afeto mantido com os irmãos e o ciúme exagerado da “companheira”, principal responsável pelo encerramento precoce da sua carreira.

Por último, foi exposta a trajetória de Soró, a qual iniciou a prática do futebol de maneira semelhante às outras duas ex-futebolistas, ou seja, na infância, entre os meninos num campo perto da sua residência. A sua família divergiu acerca desta realização, sendo os parentes homens favoráveis e as mulheres desfavoráveis, pois acreditavam que havia uma relação “substancialista” entre o futebol e o homossexualismo feminino. Ela não se preocupou com este preconceito, dando continuidade a sua participação nos jogos mistos, que mediante o aumento da demanda, passou a contemplar equipes exclusivamente femininas. Em função do constante destaque nesses jogos, Soró também acabou contratada pelo Michelinho, tornando-se contemporânea de Neuma e Birrita na ascensão do Flamengo no cenário futebolístico.

Posteriormente a esse *boom* do futebol feminino, na transição entre os anos 80 e 90, a modalidade se arrefeceu na Bahia, culminando no fim das atividades do Flamengo. Mesmo sem time, Soró não encerrou a sua carreira no futebol, pois conseguiu a aprovação numa seletiva da seleção brasileira, realizada em Salvador. Diante deste acontecimento, a autora apresentou a sequência da trajetória futebolística dessa atleta no capítulo dois, intitulado “Sonhos possíveis: história de feirenses na seleção brasileira”.

A opção escolhida pela autora foi a de apresentar detalhadamente a trajetória desta atleta, mostrando que após a convocação para o selecionado, Soró embarcou para o Rio de Janeiro (RJ), onde foi recepcionada e guiada ao centro de treinamento da “Escola do Exército” pelos representantes da comissão técnica da seleção nacional. De acordo com as memórias da atleta, no início do período dos treinos avaliativos a sua convivência com as outras jogadoras foi difícil, principalmente em função do preconceito relacionado à sua origem interiorana, a sua estética e as suas vestimentas. A compensação ocorria através da comissão técnica, a qual redobrou a atenção e o apoio, de maneira que ela pudesse sentir-se a vontade e desempenhar o seu potencial.

Além dessas dificuldades, Soró destacou a necessidade de ter que superar a preocupação e a saudade da família, o complexo de inferioridade, o nível técnico, tático e físico da maioria das jogadoras, o qual era bastante superior ao que ela dispunha, pois a sua base futebolística foi estruturada no futebol baiano, que, até então, tinha sido dirigido por incentivadores despreparados profissionalmente. Para a sua surpresa, ela acabou permanecendo no grupo selecionado para representar o Brasil e as crises deste momento foram superadas por meio de afetuosos conselhos proferidos pela comissão técnica e por duas

amigas recém conquistadas, Meg e Marisa, que diariamente a estimulavam a permanecer na seleção brasileira.

Ao final da preparação, a seleção tinha um plantel de trinta jogadoras, as quais conquistaram o título do Sul-Americano de 1991 e a vaga na primeira Copa do Mundo, ocorrida na China, nesse mesmo ano. Antes da disputa desta competição, as jogadoras desfrutaram de alguns dias de férias em suas casas. Ao retornar para Feira de Santana, Soró foi surpreendida com o silêncio da imprensa local sobre a sua trajetória. Para ela esta invisibilidade refletia o baixo *status* social disposto pela seleção e pelo futebol feminino perante a sociedade brasileira de forma geral e principalmente na sociedade baiana.

A seleção foi eliminada na primeira fase do Mundial da China, encerrando temporariamente as suas atividades. Como o futebol feminino resumia-se basicamente a essa equipe, para sobreviver do esporte, Soró jogou futsal até 1994, quando retornou para o selecionado nacional que entre 1995 e 1996 obteve a primeira, a nona e a quarta colocação no Sul-Americano, na Copa do Mundo da Suécia e nos Jogos Olímpicos de Atlanta, respectivamente.

No final da década de 1990, a estrutura do futebol feminino melhorou pontualmente, pois a “Maizena”, a “TV Bandeirantes” e a “Sport Promotion” apoiaram o selecionado brasileiro, proporcionando melhores condições de trabalho e de salário as futebolistas. Esta última empresa assumiu sozinha, em 1997, a gestão da seleção feminina, tendo como principal objetivo o desenvolvimento da modalidade. A partir desse ano, a Sport Promotion passou a organizar campeonatos regionais com a chancela da Federação Paulista de Futebol (FPF), possibilitando a continuidade da carreira de Soró, narrativa esta que fora exposta no capítulo três, intitulado “De sonho em sonho, sonhamos com os anos 1990 mais dourados...”.

De acordo com as memórias dessa atleta ao tratar daquele momento, parecia que o sonho de toda uma geração de futebolistas, referente ao desenvolvimento estrutural do futebol feminino estava sendo concretizado. As tradicionais equipes masculinas do futebol paulista constituíram equipes femininas. Criou-se um calendário, havia patrocinadores, resultando em uma incipiente visibilidade midiática. Soró relembra que o campeonato de 1997 reuniu oito times - Corinthians, Mackenzie, Palmeiras, Portuguesa, Santos, São Judas/Juventus, São Paulo e USP, cada um contando com o reforço de três jogadoras da seleção brasileira, conforme determinou a Sport Promotion.

Nessa primeira temporada Soró atuou pelo Santos, mas na sequência transferiu-se para o Corinthians, fechando um contrato significativo por seis meses. Este fato fez com que ela rejeitasse a convocação para disputar o terceiro Sul-Americano, pois a seleção brasileira pagava apenas uma diária de R\$20,00 reais. A opção da atleta foi continuar jogando pelo clube e desta maneira encerrou a sua trajetória na equipe nacional. Entretanto, devido à instabilidade do subcampo futebolístico feminino, após a perda do título paulista de 1998 o Corinthians encerrou as suas atividades, movimento seguido pela maioria das grandes equipes do futebol nacional, o que resultou em um freamento no desenvolvimento da modalidade nos anos 2000.

Antes de encerrar a sua carreira, em 2007 (aos 37/38 anos), no futebol baiano, Soró atuou no Rio Grande do Sul, pelo Internacional, onde foi discriminada pelas suas companheiras em relação a sua identidade regional. Atualmente, ela oscila entre a disposição de empregada e desempregada, pois trabalha como supervisora de times de futebol feminino. Neste contexto, a autora resgatou a situação contemporânea de Neuma e Birrita, as quais atuam em diversos campos profissionais, como, por exemplo, na costura e no comércio de produtos alimentícios, tentando demonstrar que o estruturante futebol feminino não proporcionou um legado financeiro para a vida das três entrevistadas.

Diante das similaridades e das singularidades apresentadas nessa obra, a autora apontou as seguintes conclusões: 1) a trajetória dessas três ex-futebolistas possibilita a compreensão de avanços e retrocessos na história do futebol feminino brasileiro; 2) as jogadoras feirenses foram acompanhadas por uma pluralidade de preconceitos inerentes à modalidade, às condições pessoais e aos *habitus* sociais e 3) O futebol ainda é uma área de reserva masculina, que apresenta obstáculos na iniciação, no desenvolvimento e também posteriormente ao encerramento das trajetórias da maioria das futebolistas.